

Correspondentes internacionais

A permanência do mito do repórter nas estratégias em defesa da identidade profissional

LUCIANE FASSARELLA AGNEZ

Professora
Instituto de Educação Superior de Brasília
Mudanças estruturais no jornalismo (Diretório de Grupos de Pesquisa/CNPq)
luagnez@gmail.com

DIONE OLIVEIRA MOURA

Professora
Universidade de Brasília (UnB)
Mudanças estruturais no jornalismo (Diretório de Grupos de Pesquisa/CNPq)
dioneoliveiramoura@gmail.com



mito do repórter mediador, isento e protegido por técnicas próprias, sobrevive no jornalismo contemporâneo, mas passa por transformações sensíveis (Ruellan, 1993). O discurso técnico que age como argumento legitimador do jornalismo é uma estratégia de inspiração funcionalista, numa tentativa de definir o espaço do jornalista. Ainda segundo o autor, no entanto, nem os repórteres identificam os modos de fazer a um corpo fechado de métodos e técnicas: eles também percorrem um caminho de escolhas pessoais não codificadas. Além disso, a expansão do jornalismo no último século abriu possibilidades de atuação que vão além da figura tradicional do repórter.

[...] o profissionalismo não poderia ter uma definição única e comum a todas as atividades. Pelo contrário, cada atividade define progressivamente sua cultura de produção, que a diferencia das outras atividades. Dessa maneira, os repórteres manifestam um profissionalismo ligeiramente diferente dos cronistas políticos ou dos correspondentes internacionais. Algumas características os unem; outras os afastam (Ruellan, 1993: 97)¹.

O jornalista Fritz Utzeri (1989), correspondente pelo *Jornal do Brasil* na década de 1980 nos Estados Unidos e em Paris, destacou que, para ele, não haveria posição dentro do jornalismo melhor do que a

Pour citer cet article

Référence électronique

Luciane Fassarella Agnez, Dione Oliveira Moura, « Correspondentes internacionais: A permanência do mito do repórter nas estratégias em defesa da identidade profissional », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne], Vol 5, n°1 - 2016, mis en ligne le 15 septembre 2016.
URL : <http://surlejournalisme.com/rev>

de correspondente: a ocupação era vista como uma promoção dentro da carreira de repórter ou até mesmo um “prêmio”. Citando o também jornalista Reali Júnior, correspondente em Paris por mais de 30 anos, Utzeri define a função de correspondente como um “*repórter de geral numa cidade que não é a dele*”. Alguém que faz o “*máximo possível de comparações que permitam às pessoas identificar o que está acontecendo com os referenciais que estão acostumadas a usar aqui em casa*” (Utzeri, 1989: 145).

Essa posição de “elite” ou de “topo” da carreira de repórter, sobretudo no cenário brasileiro, viria acompanhada ainda de salários mais altos que dos demais colegas, uma autonomia profissional superior e um estilo de vida frequentemente associado a pessoas de relativo prestígio social.

É verdade que essa descrição, embora possa ser relativamente fiel à realidade, é ilusória, porque todas essas vantagens são provisórias (se existem, só existem enquanto o beneficiário exerce suas funções) e porque elas não constituem mais do que meras aparências.

Mesmo assim, elas são o fulcro do fascínio que a correspondência internacional exerce sobre muitas pessoas e do prestígio que se costuma associar a ela (Silva, 2011: 54).

Entretanto, este perfil mais tradicional de correspondente, caracterizado como uma espécie de “tipo ideal”, apresenta indicativos de transição identitária: observamos que a figura do correspondente internacional, glorificada entre as décadas de 1970 e 1980 como o topo da carreira de repórter, está ameaçada. O profissional experiente, letrado, imerso em diferentes culturas e capaz de análises conjunturais está dando lugar a jovens correspondentes motivados por boas experiências profissionais, mas submersos em um cenário de precarização da atividade (estrutura e remuneração, por exemplo) (Silva, 2011; Rocha, 2013).

Diante de tais perturbações, estariam os correspondentes internacionais brasileiros vivendo um momento de crise de identidade? Assim, quais estratégias identitárias implementadas por este grupo para alcançar uma vitória identitária (Kastersztein, 1990) que lhes possibilitem, ainda, um reconhecimento social? Na busca por respostas, aplicamos um questionário online a 34 jornalistas brasileiros que atuam ou atuaram como correspondentes internacionais. O objetivo foi levantar indicadores sobre a realidade destes profissionais, perfis e trajetórias individuais. Após esta etapa, realizamos 15 entrevistas com jornalistas brasileiros divididos em dois grupos: o primeiro com-

posto por profissionais que atuaram na correspondência internacional entre os anos 1970 e 1990; e o segundo grupo composto por profissionais que concentraram a atuação no exterior a partir dos anos 2000.

O MITO DO REPÓRTER NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE JORNALÍSTICA

A origem do jornalismo profissional esteve diretamente vinculada à prática da reportagem, que marcou o campo ideológico da atividade e definiu, por meio de métodos e técnicas de coleta, a diferença entre fatos e comentários, entre o jornalismo informativo e o de opinião (Ruellan, 1993). Entretanto, a expansão do jornalismo abriu uma série de possibilidades de atuação que não se limitam à figura tradicional do repórter. O próprio desenvolvimento do campo e a incorporação de novas atividades fizeram com que não funcionasse mais uma identificação única, cabendo a cada função ou posto de trabalho definir a própria cultura de produção que o diferencia.

Schudson (1995), ao tentar responder o que é um repórter, constata que a definição não é tão óbvia quanto pode parecer. Ele observa que, como ocupação profissional, a reportagem foi inventada no século XIX, a partir de um processo de fortalecimento democrático e de desenvolvimento de uma consciência comercial urbana. Isso evidencia, assim, que a concepção de repórter foi sendo moldada com o tempo e o entendimento que temos hoje é algo bastante contemporâneo. Por exemplo, a técnica da entrevista, ato arquetipo do jornalista, era uma novidade ainda após a Guerra Civil Americana, sendo ensinada por jornalistas americanos a colegas europeus na Primeira Guerra Mundial (Schudson, 1995).

O próprio Schudson (2011) fez a pergunta mais tarde, sobre o que é ser repórter na contemporaneidade, cada vez mais preocupado com a audiência e pressionado por exigências do Estado e do mercado. O modelo definido pelo autor mescla tais exigências a valores ainda definidos pelo *ethos* profissional: “*um jornalismo parcialmente dependente do governo, e portanto orientado para a esfera política; parcialmente dependente do mercado, e portanto substancialmente ligado às preferências das audiências; e parcialmente ligado apenas a si próprio, aos valores e cultura distintos do jornalismo*” (Schudson, 2011: 145).

Outros autores que estudam a identidade profissional no jornalismo reafirmam que a partir da

segunda metade do século XIX, o repórter se torna a figura jornalística por excelência, como é o caso de Lavoinne (1992). O autor discute a separação entre os papéis de jornalistas e historiadores, sobretudo a partir da definição do que são as notícias e da identidade metodológica de um e de outro. Aos jornalistas cabem o presente e o efêmero, numa consciência indireta adquirida pela crítica das fontes. Estes seriam, então, os mediadores de uma história que está sendo feita (Lavoinne, 1992).

Apesar da constatação quase unânime de que o mito do repórter como definição do jornalista é uma criação da contemporaneidade, podemos identificar alguns traços deste mito na primeira tese sobre o jornalismo de que se tem registro, defendida pelo alemão Tobias Peucer (2004) no final do século XVII. Naquele momento, as semelhanças entre o jornalista e o historiador já foram tensionadas, bem como a preocupação sobre as qualidades de quem se propõe a relatar os fatos.

É necessário relacionar este trabalho de Peucer ao período histórico em que foi produzido: ao mesmo tempo em que a Europa vivia o expansionismo e o desenvolvimento econômico, ainda eram visíveis os traços da Idade Média. Entretanto, não há dúvidas de que ali estavam as bases do jornalismo. Peucer (2004: 19) já relacionava com a *“vontade do escritor de periódicos a credibilidade e o amor à verdade”*, bem como destacava o que mais tarde seriam reconhecidos como princípios de seleção (*gatekeeping*) e critérios de noticiabilidade: *“como os fatos são quase infinitos, cabe estabelecer uma seleção de modo que seja dada preferência aos axiomaticamente, ou seja, àqueles que merecem ser recordados ou conhecidos”*.

Apesar de prevalecer naquele momento formatos textuais como as crônicas e os relatos de viagem, Peucer (2004) enfocou o caráter informativo da imprensa, com destaque às banalidades e às desgraças humanas. Ele afirma que o estilo da narrativa não deveria ser nem oratório, nem poético, para não perder o “interesse do leitor”.

Com as bases constituídas, o jornalismo viveu a partir do final do século XIX um período intenso de estratégias de legitimação, com traços comuns em parte dos países ocidentais, mas mantendo particularidades econômicas, políticas e de regulação profissional. Tais percursos de legitimação vêm sendo novamente questionados desde a virada de século, devido a um aglomerado de transformações que atingem o jornalismo do novo milênio.

Aron (2011) situa o nascimento da reportagem na segunda metade do século XIX, a qual se tor-

nou popular a partir dos correspondentes de guerra. Dentro da imprensa francesa, o autor pontua ser esta a origem de um novo gênero literário: a reportagem. Associada a ela, surge o modelo de jornalista que vai se estabelecer ao longo de todo século XX. Ele relata, a partir da experiência francesa, que os jornalistas responsáveis por grandes reportagens passam a ser reconhecidos como “heróis”, nestas condições, e seriam vistos como “contadores de histórias” capazes de permitir ao leitor se lançar à vida real. São os irmãos Tharaud que, a partir de 1913, desenvolvem a estética do correspondente de guerra, que consiste no relato simples, abrupto, preciso e até mesmo inimaginável, baseado no testemunho crítico dos acontecimentos (Aron, 2011).

Em tempos de convergência midiática e desse acirramento de tensões entre produtores e consumidores de informações, Pignard-Cheynel e Noblet (2009) defendem que o mito do jornalista-repórter tem sido acionado também pelos sites de notícia no momento em que mobilizam algumas referências e representações jornalísticas. Para os autores, esta mobilização está presente *“na figura mítica idealizada do repórter, que retorna a uma prática autêntica, nobre e eminentemente positiva (se não positivista) do jornalismo, e a uma valorização dos fatos, do campo e do testemunho (notadamente foto ou vídeo)”* (Pignard-Cheynel; Noblet, 2009: 1). Os autores consideram que o renascimento do mito do repórter no contexto das mídias digitais é resultado de um argumento de comunicação e de legitimação por parte dos sites de notícias.

Tal cenário, aliado às entrevistas realizadas nesta pesquisa, levou-nos a concluir que o mito do repórter possa é um recurso legitimador da identidade profissional também no caso dos correspondentes internacionais. Veremos, no decorrer do estudo empírico apresentado adiante, que os jornalistas correspondentes internacionais brasileiros continuam a recorrer ao mito do repórter como estratégia identitária.

IDENTIDADE PROFISSIONAL E A CARREIRA DO CORRESPONDENTE INTERNACIONAL

Trabalhando com o conceito de singularidade proposto por Genro Filho, Adghirni (2013) afirma ser o olhar do repórter a matéria prima do jornalismo, mediando a compreensão de fatos complexos e propondo uma interpretação dos sentidos dos acontecimentos. Isso seria ainda mais relevante no caso da correspondência estrangeira. *“É pelas narrativas dos correspondentes que o singular aflora”* (Adghirni, 2013: 38). Por meio de levantamento bibliográ-

fico e entrevistas realizadas com quatro correspondentes internacionais brasileiros, a autora afirma que, na visão dos próprios correspondentes, eles estão fazendo um trabalho diferenciado das agências de notícias.

Entretanto, na prática, os tempos atuais trouxeram um aumento no volume de trabalho para os jornalistas, estando a questão do “diferencial” possibilitada pelo profissional *in loco* muito mais no nível do discurso. Na percepção da correspondente brasileira Cláudia Trevisan, do jornal *O Estado de S. Paulo*, sem uma receita disponível para grandes investimentos em reportagens, sobretudo no exterior, muitos jornais acabam publicando na versão impressa o mesmo que foi divulgado pela internet no dia anterior, sem nenhum novo valor agregado. “*Acredito que a melhor saída é usar o material de agências de notícias em portais e deixar o correspondente solto para produzir um material de qualidade para o dia seguinte*” (Trevisan apud Adghirni, 2013: 47).

O correspondente em Teerã pela *Folha de S. Paulo*, Samy Adghirni (apud Adghirni, 2013) destaca outro ângulo, o de que seria um equívoco a ideia de que a internet democratizou a informação, transformando qualquer pessoa num potencial jornalista:

Correspondentes custam caro e são, em tese, facilmente descartáveis diante da fartura de fontes de substituição, como agências de notícias e os chamados jornalistas cidadãos, que poluem a internet com conteúdo militante. [...] Um correspondente representa um olhar próprio e às vezes exclusivo sobre um determinado país. É um valor agregado imenso em termos de informação diferenciada (Adghirni apud Adghirni, 2013: 44).

Tais discursos enfatizam o conceito fundante do jornalismo moderno, a partir da figura do repórter mediador, com qualidade técnica e um *ethos* constituído a partir do compromisso com a sociedade. A busca pela legitimação do profissional ressurge diante de um conjunto de transformações que impactam o interior das práticas jornalísticas a partir do final do século XIX, entre as quais destacamos fatores econômicos, tecnológicos e geopolíticos que afetaram a prática jornalística de modo mais geral e a correspondência internacional particularmente. No primeiro conjunto, observamos questões relativas aos modelos de negócio das empresas de mídia de todo o mundo, impactando especialmente no número de jornalistas e escritórios ao redor do planeta. Os quadros estão reduzindo e isto é apontado na literatura tanto internacional, quanto brasileira (Natali, 2004; Moore, 2010; Silva, 2011; Williams, 2011). As políticas de redução de custos por parte das empresas de mídia ope-

ram ao mesmo tempo em que as mudanças tecnológicas permitiram novas formas de cobertura do noticiário internacional, como alternativa à figura mais tradicional do correspondente.

A atividade jornalística da correspondência internacional sempre esteve associada ao desenvolvimento tecnológico (Silva, 2011), pelas possibilidades de coleta de informações em outros territórios e as formas de distribuição e circulação desse material. No final do século XX, a acelerada evolução das tecnologias da comunicação permitiu a este profissional maior mobilidade e também um acúmulo maior de funções, como a do “profissional multimídia”, que produz um número maior de informações para mais plataformas, levando a uma possível precarização da atividade (Kischinhevsky, 2009). O avanço tecnológico também ampliou as alternativas para se ter acesso ao noticiário internacional, que até mesmo dispensam a necessidade de se manter um correspondente fixo em outro país.

Tal conjunto de transformações tornam-se perturbações para os profissionais, levando a dissonâncias entre as convicções internas e as relações com o ambiente exterior, um conflito que pode desencadear as chamadas crises de identidade (Dubar, 1999; Mucchielli, 2009). Dessa perspectiva, buscamos compreender de que modo as diversas transformações sociais que ocorreram a partir do final do século XX e início do século XXI estão afetando a estrutura identitária dos correspondentes internacionais brasileiros.

Fazer parte de um grupo profissional significa dividir práticas e conhecimentos, proporcionando um reconhecimento social e uma valorização de quem são esses membros. Especialmente em relação a este ponto, Le Cam (2006) ressalta que a identidade profissional no jornalismo é resultado de uma aquisição histórica, decorrente dos processos de legitimação, e a forma identitária dos jornalistas é coletiva, ou seja, o indivíduo se define a partir da assimilação e interiorização dos valores do grupo. Como um posto de trabalho na carreira jornalística, compreendemos então que o correspondente internacional carrega identificações com o grupo mais abrangente do jornalismo. Nosso exercício neste trabalho, a partir disto, está na observação da negociação entre a *identidade reivindicada* pelos correspondentes internacionais, ou seja, aquela que o grupo se associa e defende para si, e a *identidade atribuída* a eles pelos demais atores com os quais os jornalistas se relacionam (Le Cam, 2006).

Os dados que apresentaremos e a discussão que se segue concentra-se, por um lado, nas trajetórias de carreiras de correspondentes brasileiros, com relação especial à prática da reportagem, e, por outro, aborda como determinados atores desse universo

reivindicam uma identidade profissional, diante de um cenário de perturbações identitárias.

SÍNTESE DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o desenvolvimento desta pesquisa³, adotamos duas técnicas de abordagem do *corpus*. No primeiro momento, aplicamos um questionário online a 34 jornalistas brasileiros que são ou foram correspondentes internacionais em algum momento da carreira. O objetivo foi levantar indicadores⁴ sobre a realidade destes profissionais, perfis e trajetórias individuais. Os questionários foram aplicados pela internet, entre 17 de dezembro de 2013 e 20 de janeiro de 2014. A divulgação foi feita por uma lista de e-mails de jornalistas que atuam como correspondentes internacionais de veículos de todo o Brasil. O mailing dos possíveis participantes da pesquisa foi produzido pela autora da tese, que mapeou os jornalistas brasileiros em atuação no exterior, vinculados à grande mídia nacional, e o reconhecimento de profissionais que foram correspondentes em algum momento durante a carreira.

Ao todo, enviamos 92 mensagens eletrônicas (e-mails) convidando os jornalistas a participarem da pesquisa, sendo 54 para correspondentes que concentraram a atuação no século XXI e 38 para outros que exerceram a atividade no século XX. Adotamos o anonimato dos respondentes do questionário online, para conferir segurança e conforto na hora de prestar as informações. As respostas foram voluntárias e autodeclarativas e, ao final, participaram do levantamento 34 profissionais, o que resultou em 37% de adesão.

Após esta etapa, realizamos 15 entrevistas⁵ com jornalistas brasileiros divididos em dois grupos: o primeiro composto por profissionais que atuaram na correspondência internacional entre os anos 1970 e 1990; e o segundo grupo composto por profissionais que concentraram a sua atuação como correspondentes a partir dos anos 2000. A adoção da entrevista como técnica de pesquisa teve como propósito a reconstrução do ponto de vista dos próprios profissionais a respeito da autoconsciência do papel assumido e da identidade profissional a ele vinculada. A divisão nestes dois grupos levou em consideração um período de transição, do qual fazem parte mudanças tecnológicas, geopolíticas e de modelos de negócio no jornalismo brasileiro, marcando duas gerações de correspondentes.

No primeiro grupo⁶, foram entrevistados oito correspondentes internacionais que estavam em exercício como correspondentes no ano de 2013:

Bernardo Mello Franco, correspondente da *Folha de S. Paulo* em Londres; na mesma cidade também Fernando Nakagawa, da *Agência Estado*, Sérgio Utsch, do *SBT*, e Vivian Oswald do jornal *O Globo*; Jamil Chade, de *O Estado de S. Paulo*, fixado em Genebra; Letícia Fonseca, pela *Rádio France Internacional*, em Bruxelas; Mauro Tagliaferri, que esteve em Lisboa pela *TV Record*; e Marcos Uchôa pela *TV Globo*, em Paris.

No segundo grupo, foram entrevistados sete jornalistas que se tornaram correspondentes internacionais entre as décadas de 1970 e 1990 e concentraram a atuação neste período: Clóvis Rossi, que foi correspondente pela *Folha de S. Paulo* em Buenos Aires e Madri; Carlos Eduardo Lins da Silva, que atuou nos Estados Unidos em três momentos diferentes, pelo *Diário de S. Paulo* e pela *Folha de S. Paulo*; Nelson Franco Jobim, que trabalhou em Londres pelo *Jornal do Brasil*; Sílio Boccanera, com uma passagem pelos Estados Unidos, também pelo *Jornal do Brasil*, e um longo período em Londres pela *TV Globo* e pela *Globonews*; Sandra Passarinho, da *TV Globo*, que inaugurou o escritório da emissora na Europa (Londres); Moisés Rabinovici, que atuou em Israel e Washington, pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, e em Paris pela revista *Época*; e Cristiana Mesquita, que iniciou sua carreira em Londres, pela *TV Globo*, e teve passagens por diversos países como correspondente da imprensa internacional, estando pela última década na *Associated Press*.

DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Questionários online

Como falamos, na primeira etapa da pesquisa, de aplicação de questionários fechados online, participaram 34 jornalistas brasileiros. Entre estes, 19 estavam atuando como correspondentes internacionais no momento da pesquisa e 15 não mais. Sobre o perfil destes profissionais, cabe destacar alguns pontos. Em relação ao período em que atuaram, 12 assumiram o cargo de correspondente internacional pela primeira vez entre 1970 e 2000, enquanto 9 começaram entre 2001 e 2010 e 13 após 2010.

A faixa etária é outro fator considerado para analisarmos em qual momento de vida e carreira estes profissionais se tornaram correspondentes estrangeiros: 12 entrevistados afirmaram ter assumido a função antes dos 30 anos de idade; outros 10 afirmaram ter sido na faixa dos 31 aos 35 anos de idade; 9 entre 31 e 40; e 3 acima dos 40 anos de idade.

Em complemento à informação sobre a idade destes profissionais, podemos afirmar que o posto de correspondente internacional foi assumido num estágio intermediário das carreiras. Dos que responderam a pesquisa, 16 declararam ter menos de 10 anos de carreira; outros 10 tinham entre 11 e 15 anos de profissão; e 8 mais de 16 anos.

Ainda sobre o desenvolvimento das carreiras, do ponto de vista de acúmulo e progressão de postos de trabalho (Hughes, 1960; Pereira, 2012), 13 respondentes exerciam o cargo de **repórteres**⁷ antes de se tornarem correspondentes e 6 eram **repórteres especiais**; 6 eram editores; e 2 eram redatores. Com apenas 1 citação cada, apareceram ainda os cargos de editor-chefe, subeditor, pauteiro, secretário de redação, diretor de redação, âncora de rádio e *freelancer*.

Para os profissionais que não exercem mais a atividade de correspondente, perguntamos qual foi o primeiro posto de trabalho assumido ao fim desse período. Entre os veteranos (15 respondentes no total), 6 se tornaram **repórteres especiais**; 2 voltaram como **repórteres**; 4 assumiram a função de editor ou outro cargo de chefia; 2 mudaram de área, ainda dentro da Comunicação; e 1 se fixou como colunista. Estes dados sinalizam se o posto no exterior pode ser considerado uma “promoção” no sentido da progressão na carreira. Em linhas gerais, metade dos entrevistados voltou para exercer atividades ligadas à **reportagem**, enquanto menos de um terço passou para algum cargo de chefia e índice igual se manteve residindo no exterior.

Entre os que ainda exercem a atividade de correspondente (19 respondentes), a expectativa sobre qual atividade assumir depois de deixar o posto mostrou que 3 não desejavam retornar para o Brasil e assim se manter como correspondentes no exterior; 5 gostariam de retornar como **repórteres especiais** e 1 de voltar como **repórter**; 4 tinham o desejo de mudar de área, mas ainda dentro da Comunicação; 2 de abrir o próprio negócio; 1 de se tornar editor ou assumir outro cargo de chefia; 1 de se tornar colunista ou comentarista; 1 de se tornar *freelancer* e trabalhar com independência; e 1 ainda não sabia.

Entrevistas

O segundo momento da pesquisa, composto por entrevistas, permitiu uma abordagem mais abrangente e qualitativa sobre as experiências destes profissionais, divididos em dois grupos: os atuantes (na correspondência internacional) no século XXI e os que exerceram a correspondência, sobretudo no século XX.

No primeiro grupo, dos jornalistas mais jovens, constatamos que os repórteres de jornais, em média, assumiram o cargo de correspondente com menos idade e também ficaram na função por períodos mais curtos de tempo. Na televisão, os profissionais ouvidos foram para o exterior em estágios mais avançados da carreira, com uma flexibilidade grande em relação ao tempo de permanência no exterior.

Sobre o perfil ideal de jornalista para ocupar este posto, o entrevistado Bernardo Mello Franco resume: “*Acho que o correspondente internacional, idealmente, é alguém que já teve experiência de **reportagem** no seu país e que a pessoa já tenha, se possível, até vivido fora da cidade dela em algum momento. Deve ter o espírito de ‘se virar’, de procurar as coisas, de autonomia, de enfrentar adversidades*” (Franco, 2013) (grifo nosso).

O correspondente Jamil Chade também afirma que procuraria por um repórter:

*Sabe quando não funciona o correspondente? Quando ele era um super editor, quando ele era secretário da redação, não é que não funciona, geralmente funciona porque o cara era uma pessoa muito boa, mas eu vou selecionar pra ser correspondente o **repórter**. Agora, claro, vamos lá, tem que falar línguas. Além disso, tem que ser um cara que não vê o trabalho como uma burocracia, deve ser um cara que não tem horário (Chade, 2013) (grifo nosso).*

Dentro desse conhecimento geral pode estar inserido o entendimento sobre o próprio país, a história, as características socioculturais, inclusive para fortalecer aquilo que é citado exaustivamente na bibliografia sobre o tema: o “olhar nacional” sobre os fatos, como afirma o correspondente Fernando Nakagawa:

*Eu acho que o correspondente internacional tem que ser um cara que entende muito de Brasil, como as coisas funcionam no Brasil. As pessoas que cobrem Inter, por exemplo, elas são especialistas em assuntos internacionais e o correspondente não é isso, o correspondente tem de ter uma mirada brasileira, um olhar crítico brasileiro... O fato de você ter um olhar brasileiro é que te torna insubstituível nessa posição, porque senão eles poderiam contratar um gringo (...). Além de dominar outro idioma, a disponibilidade na vida pessoal é importantíssimo, porque você anula a sua vida pessoal praticamente. E mais: ter experiência como **repórter** é importante, a experiência de rua, de saber como que você*

vai atrás. Acho que uma importante característica é já ter morado no exterior, pode não ser trabalhando, mas morar um tempo no exterior tira o brilho de algumas coisas que podem atrapalhar – tipo certo deslumbramento (Nakagawa, 2013) (grifo nosso).

“Correspondente também cobre buraco de rua”, afirmou o jornalista Jamil Chade (2013), ao reforçar que o papel desse profissional é como o de todo repórter. Aquele correspondente que poderia ficar em casa, cobrindo eleições pela televisão, “não dá mais”, porque aquela mesma emissora pode ser acompanhada pela redação no Brasil. Ele defende ainda que o dever é estar no local, para batalhar o acesso aos fatos assim como os grandes grupos de comunicação, como a CNN ou *The New York Times*, em qualquer cobertura, do buraco na rua às eleições presidenciais. “Qual a diferença que você faz, porque é que o jornal vai te mandar, o que tem de diferença entre você e a agência, né?” (Chade, 2013). O correspondente, na visão do jornalista, tem como missão não repetir a agência, mas “surpreender o leitor”, para oferecer aquela informação que ele não conseguiria de outra forma. E reforça mais de uma vez: “Matéria especial eu vejo como obrigação” (Chade, 2013). E é assim que o próprio entrevistado se identifica: como o jornalista dedicado à missão da reportagem.

Falando em identidade, hoje eu me identifico como jornalista. Eu não tenho a menor dúvida [...], se você não se sentiu jornalista depois de quinze anos... Eu me sinto tão jornalista que eu não quero ser editor, entendeu? Quero ser repórter, eu quero descobrir, eu quero estar lá. É isso que todos os dias eu falo: “Putá, que fantástico a nossa produção!”. Não é só o meio, é o nosso trabalho, e não é o trabalho “estar lá”, é descobrir, é contar a verdade, é contar uma decisão que foi tomada, é traduzir pro público o bastidor de uma coisa que eles só viram a pontinha do iceberg. É isso que eu gosto, é isso que é a minha profissão. Eu insisto: se todas as opções forem sempre dadas pra você, eu sempre vou escolher aquela que eu vou falar, aquela que você chega às 6h da manhã na porta pra ficar esperando o cara sair, porque é por essa profissão que eu entrei (Chade, 2013) (grifo nosso).

Na visão dos jornalistas entrevistados, que exerciam a atividade de correspondente internacional no início do século XXI, o papel deste profissional é como o de todo repórter – “ir atrás das notícias”, apurar os fatos (prática do repórter). Todos os entrevistados são enfáticos em afirmar uma ideia central que pode ser resumida como “não faz sentido o

correspondente produzir o mesmo que as agências estão produzindo”, pois as agências têm uma capilaridade e uma estrutura maiores. Além disso, o esforço do jornalista no exterior deveria ser voltado justamente para buscar o diferente, aquele material que não está acessível a outras publicações, com enfoques variados, oferecendo, sempre, uma perspectiva brasileira, trabalhando com um referencial que é comum ao leitor. A imprensa internacional também está acessível para os jornalistas que atuam no Brasil e para o próprio público brasileiro. A abordagem que o correspondente é capaz de oferecer é o que pode ser único. Desta maneira que os entrevistados enxergam a atividade do correspondente dentro do processo jornalístico, legitimando a existência e a manutenção deste posto de trabalho.

Mesmo considerando as características do meio impresso, o correspondente Bernardo Mello Franco argumenta que o jornal quer alguém em quem ele confie. Há outros dois fatores que, na opinião dele, ainda são determinantes: questões relacionadas ao idioma (é mais difícil encontrar nativos de outras partes do mundo que falem fluentemente o português); e o fato de que os veículos de comunicação “sempre verão como questão de prestígio para eles – não para o correspondente, mas para eles, diante do leitor deles – mostrar que tem gente no local” (Franco, 2013). E ele mesmo completa afirmando que o clichê “nada substitui o olhar de um repórter” se enquadra especialmente nas especificidades do correspondente e para a manutenção desta função.

O correspondente Fernando Nakagawa afirma que, dentro da crise do jornalismo tradicional, a posição do correspondente é talvez a mais ameaçada, em perigo de extinção, porque custa mais do que a média das outras vagas. Além disso, seria mais fácil de fazer cortes, “porque não é alguém que você vê todo dia, é mais um número. É mais fácil de cortar porque custa mais e está longe” (Nakagawa, 2013). Nessa perspectiva, ele declara: “sim”, a função do correspondente tradicional pode ser questionada. A presença de jornalistas mais jovens no posto de correspondentes, com menores salários e por menores períodos de tempo já seria uma resposta a isso. A “salvação”, na opinião dele, está na combinação entre a visão do país de origem, que o correspondente deve manter, e a acumulação de informações sobre a região de cobertura que só a experiência de viver lá possibilita. Mesmo valorizando a experiência no exterior, ele não acredita que represente necessariamente uma promoção. A identificação, no caso dele, permanece direta à figura do repórter:

Me vejo de novo como repórter, me vejo mesmo, é o que eu mais quero. Pra ser bem

sincero, eu não quero virar chefe, não quero ficar, não quero virar editor. [...] Acho sim que a experiência no exterior é muito engrandecedora e a gente muda a maneira de ver as coisas, a respeitabilidade do profissional, enfim, mas isso não impede ou não diminui a importância de ser repórter, porque no fundo, no fundo, todo jornalista é repórter, e eu amo ser repórter, eu adoro ser repórter, é o que tenho vontade. [...] Se eu tivesse que voltar hoje pro Brasil, eu voltaria pra mesma mesa, pra fazer as mesmas coisas, porque eu acho que se eu voltar a fazer, eu vou cobrir buraco, vou cobrir buraco melhor, vou fazer Banco Central, vou fazer Banco Central de um jeito melhor (Nakagawa, 2013) (grifo nosso).

Entre os correspondentes internacionais veteranos, do grupo dos atuantes no século XX, o jornalista Moisés Rabinovici (2013) coloca como competência fundamental para o posto de correspondente o desenvolvimento das principais características de um “bom repórter” – ainda deve ter *background*, ou repertório, se preparar para as pautas. Ter um bom texto também é primordial, ainda mais nos dias de hoje, afirma, quando o conteúdo muitas vezes vai direto para a internet sem passar por qualquer revisão. Isso se complementa com a habilidade de olhar um acontecimento por diferentes ângulos. “*Sem essa sensibilidade do novo, que é o que está escondido, que ninguém viu, é o que conta hoje em dia, porque fazer mais do mesmo não tem sentido, mesmo que você escreva o melhor texto do mundo, mas se ali não tiver um avanço na informação, pra quê, né?*” (Rabinovici, 2013).

Ter bem desenvolvidas as competências que definem um “bom repórter” de um modo geral é, na opinião da entrevistada Cristiana Mesquita, o tipo ideal de profissional que poderá assumir a correspondência internacional: “*uma enorme curiosidade, uma insaciável curiosidade quase, e você tem que ter um desprendimento também*” (Mesquita, 2013). Desprendimento para se deslocar rapidamente para outro lugar, para outros temas e pautas, e sempre procurar olhar a notícia com um olho “meio estrangeiro”, isto é, não só procurando a perspectiva brasileira. Ela afirma que adora a ideia de ser um pouco turista também nos lugares aonde chega, mas com a visão de um “turista qualificado”, para passar por lugares onde pessoas passam todos os dias e perceber coisas que elas não percebem.

Os entrevistados reafirmam a definição mais clássica de correspondente internacional: é um repórter de assuntos diversos em uma cidade que não é a dele (Utzeri, 1989), pois o “correspondente ideal” é definido pela maioria como aquele que tem o perfil

de um repórter – como o “modelo de jornalista” definido por Aron.

Então eu acho que as qualidades pra se tornar um correspondente são as qualidades necessárias pra qualquer jornalista: curiosidade, desprendimento, não querer ficar preso à rotina, ter disponibilidade, estar disposto a fazer sacrifícios pessoais, jornadas longas de trabalho, e tem que ter conhecimento de outras línguas e um conhecimento geral sobre política internacional e assuntos de outros países (Silva, 2014).

Na visão do ex-correspondente Carlos Eduardo Lins da Silva (2014), não necessariamente um bom repórter no Brasil é um bom correspondente internacional, se ele não tiver, além do domínio de idiomas, conhecimento de geopolítica, uma ideia da cultura e da economia do país onde ele estiver, ou pelo menos disposição pra conhecer tudo isso.

A partir dos dados coletados na pesquisa, percebemos, como tendência, que jornalistas que se tornam correspondentes no Brasil, em geral, são profissionais que se interessam por temas internacionais, seja por influência familiar, seja por aptidão pessoal; muitos buscaram a experiência internacional por conta própria, especialmente por meio de cursos de pós-graduação.

Os profissionais ouvidos neste segundo grupo, dos correspondentes atuantes no século XX, também foram mais objetivos ao definir competências para quem deseja se tornar correspondente: ser um “bom repórter” e ter autonomia. Em contrapartida, parece-nos que no passado o caminho para se tornar correspondente era basicamente dois: os profissionais buscavam a experiência internacional individualmente, com a oportunidade de estudar em outro país e conciliar com a prática jornalística; ou eram convidados pelas empresas para fazer isso. Esse convite considerava fatos como o domínio de um idioma estrangeiro ou a simples condição de estar com o passaporte em dia, como aconteceu com o entrevistado Clóvis Rossi na cobertura do Golpe de Estado no Chile, em 1973. Havia também a condição da correspondência como um “prêmio”. No grupo dos jornalistas que assumiram o posto mais recentemente, um terceiro caminho surgiu: os processos seletivos dentro dos grupos empresariais, permitindo aos jornalistas se candidatarem às vagas fora do Brasil.

Apesar da tentativa de organizar os caminhos de acesso ao posto de correspondente internacional, no caso do jornalismo brasileiro, por meio de semelhanças entre as histórias de vida, confirma-se o que Hannerz (2004) observou em relação à im-

prensa norte-americana: há uma variedade de fatores que levam um profissional a assumir e se fixar neste posto de trabalho, a regra é justamente não haver regras. Não existe um “plano de carreira” que garanta que, se o jornalista seguir tal formação, ou passar por determinados cargos, ou tiver certo tempo de exercício profissional, ele chegará ao posto de correspondente internacional.

A entrevistada Sandra Passarinho (2014) afirma que o cargo de correspondente era visto como um prêmio aqui no Brasil, “*era como embarcar para uma vida glamourosa no circuito Elizabeth Arden – Paris, Londres, Roma, Nova Iorque, numa época em que poucos brasileiros viajavam para o exterior*” (Passarinho, 2014). Outro entrevistado endossa que essa visão glamourizada:

Certo ou errado, o trabalho como correspondente sempre foi percebido sob certo prestígio, um avanço na carreira, exigindo formação profissional mais ampla. A realidade não é bem assim e o trabalho de repórteres no Brasil tem enorme importância, mas o mito persiste. E se alguém tem interesse pela área internacional, claro, a atuação como correspondente é o caminho mais atraente (Boccalera, 2013).

Numa avaliação ampla, Nelson Franco Jobim (2013) afirmou em entrevista que o fim da Guerra Fria mudou fundamentalmente o noticiário internacional. Antes, era mais fácil explicar o mundo pela polarização capitalismo versus comunismo. Outra importante mudança foi a introdução da tecnologia digital, que nos permite ler jornal de onde quisermos e possibilitou que o jornalista ouvisse fontes de qualquer parte do mundo.

Isso torna o correspondente muito mais repórter, na medida em que ele realmente tem que ir além das fontes abertas. Ao mesmo tempo, o nosso desafio é como analisar o excesso de dados, peneirar aquilo que é útil ou não, e aí você precisa de uma boa formação cultural para entender, para saber para que lado você vai correr no meio da confusão (Jobim, 2013) (grifo nosso).

Entre os profissionais do primeiro grupo, os atuantes no século XXI, a defesa da importância de se manter um mediador brasileiro entre os acontecimentos internacionais e a audiência aparece como principal justificativa para que a correspondência internacional se mantenha no jornalismo brasileiro. Parte dos entrevistados também acredita que a extinção do posto poderia ser algo mais próximo da mídia internacional, sobretudo dos países desenvol-

vidos, mas o Brasil estaria na curva ascendente, até mesmo em virtude do crescimento da atuação do país no cenário internacional. Além disso, eles apostam que a grande imprensa nacional ainda investiria nesse tipo de cobertura estimulada pelo prestígio que manter uma rede de repórteres no exterior lhe confere.

Neste segundo grupo de entrevistados, dos atuantes no século XX, o jornalista Clóvis Rossi (2013) defende um futuro para a correspondência internacional dentro do jornalismo, uma vez que, diante da quantidade alucinante de informações que circulam na internet, é cada vez mais necessário alguém que recolha tudo isso e “*dê um certo sentido, uma certa organização, uma certa história, um certo contexto, uma certa perspectiva de consequências, enfim, alguém precisa fazer esse trabalho*” (Rossi, 2013). Entretanto, pela lógica empresarial, ele vê que ter um correspondente já está sendo um luxo para a maior parte dos veículos. “*Mas nada, nada substitui a presença de um repórter no local dos fatos, em termos de qualidade*” (Rossi, 2013).

O jornalista, não somente na função de correspondente, é necessário para discernir entre o que é informação de interesse público e o que é apenas uma informação qualquer, além de saber como divulgá-la, afirma Sandra Passarinho (2014) em entrevista. Os profissionais estão vivendo “*tempos difíceis*”, pelo estreitamento do mercado de trabalho e por desafios de um mundo digital que ainda não é completamente conhecido.

Não se pode fazer reportagens sentado numa sala com um computador e aparatos digitais apenas. As informações geradas a partir de blogs, que se multiplicam, devem ser muito bem examinadas, sob pena de se divulgar erros, por exemplo. E erros têm ocorrido volta e meia para lembrar a empresas estabelecidas que não adianta chegar na frente para divulgar uma informação falsa. A presença de um jornalista no local onde o grande fato ocorre sempre dará mais credibilidade à cobertura, seja ela escrita, radiofônica ou televisada. Atualmente, frente aos custos, as escolhas ficam mais restritas (Passarinho, 2014) (grifo nosso).

Para o jornalista Moisés Rabinovici (2013), pensar no futuro é mais do que difícil, é misterioso, pois a discussão se estende até mesmo sobre a sobrevivência do jornal, quanto mais sobre a vida do correspondente. “*Porque hoje em dia o que vale é singularidade, a mesmice está aí, você pega os jornais de hoje e todos estão no mesmo caminho, mesmas matérias, tudo igual. Mas o que tiver aquela notícia*

que ninguém tem, esse aí tem leitor” (Rabinovici, 2013). O caso, segundo o correspondente Rabinovici, não é “forçar a barra” para ser o único a dar determinada a notícia, isso não vai mais acontecer, é você ter um viés único que explica o que está acontecendo e em que nível, e é o que fará no jornalismo que o papel do correspondente sobreviva.

DISCUSSÕES FINAIS

Mesmo com todas as particularidades da correspondência internacional, a estrutura identitária vinculada ao trabalho do repórter foi recorrente nos dois grupos de entrevistados. Tanto quando eles próprios expressaram a consciência de si (que papel desempenham e o que gostariam de fazer depois da experiência internacional), quanto no momento em que apontaram quais seriam as características ideais para um correspondente internacional: o ponto mais recorrente foi as habilidades de um “bom repórter”. Ter experiência de reportagem no Brasil, manter a curiosidade, o “faro” pela notícia, não ser um burocrata e “ir para a rua” foram as expressões mais citadas pelos entrevistados.

Em complemento, os questionários online confirmam uma trajetória de carreira que colocam o cargo de repórter como antecessor do posto de correspondente internacional e até mesmo posterior à passagem no exterior, de acordo com a maior parte dos respondentes.

A *identidade reivindicada* por este grupo profissional está diretamente associada à figura do repórter – apesar da correspondência internacional representar um posto específico de trabalho na carreira internacional, ao se definir, ao tomar consciência de si, o que determina é o reconhecimento da figura do repórter. Tanto veteranos permaneceram na reportagem especial por anos, mesmo após o período como correspondentes, como jornalistas que estão na atividade declaram querer continuar com a função da reportagem. Esta reivindicação é negociada com a *identidade atribuída* (Le Cam, 2006) pelos demais atores com os quais o jornalista se relaciona, como colegas da profissão, os donos dos jornais e o público, entre outros. De fora, alguns dos entrevistados até admitem o quanto imaginavam que o correspondente era um privilegiado, alguém que estava de “férias permanentes” num lugar onde muitos gostariam de estar.

O pedido de definição das competências ideais para um jornalista que deseja se tornar correspondente internacional fez com que os entrevistados objetivassem uma visão de si próprios. Na visão dos

mais jovens e dos veteranos, estes profissionais precisam dominar idiomas; ter um repertório cultural; conhecer os assuntos internacionais; ter facilidade para migrar entre várias editorias; ter iniciativa para trabalhar com a autonomia e a responsabilidade que o cargo exige; devem assumir uma postura também de gestor e algumas vezes de “embaixador” do veículo na região. Tudo isto, sem perder o melhor do “faro de repórter”, portanto, com as mesmas características que definem um “bom repórter”, que é ter curiosidade, apurar e reportar na forma mais explicativa para o público.

Eles são não apenas a “elite da elite”, como apontou Silva (2011), no sentido desses jornalistas fazerem parte de uma camada privilegiada da população brasileira: aprenderam vários idiomas ou até tiveram algumas experiências internacionais por conta própria, por exemplo. Porém é mais do que isso, os correspondentes são definidos por eles próprios, ainda que inconscientemente, como *os melhores dos melhores*, no sentido da produção da notícia, do repertório e do posicionamento que precisam assumir diante do processo noticioso.

Com base no que examinamos, concluímos que o discurso legitimador se sobressai em momentos de crise e perturbações, em defesa de uma identidade profissional ameaçada. Neste caso, vimos, nas entrevistas, o mito do repórter ser evocado na tentativa de argumentar sobre a importância do correspondente internacional dentro do processo noticioso contemporâneo. Ainda que diante de transformações, a estratégia em busca de uma *vitória identitária* (Kastersztein, 1990), por parte dos correspondentes internacionais brasileiros entrevistados nesta pesquisa, adota estruturas do passado e táticas de *diferenciação*, de *visibilidade social* e da *singularização*, pelas quais, consciente ou inconscientemente, os correspondentes defendem (como estratégia identitária) porque se consideram insubstituíveis.

Concluímos, por fim, que o correspondente internacional compartilha de uma identidade profissional de grupo. Apesar de alguns autores sugerirem fatores de diferenciação (Ruellan, 1993; Neveu, 2006; Silva, 2011), por meio do status, da coragem e de certo elitismo, o que encontramos nesta pesquisa foi um forte grau de identificação com a figura do repórter, centro do discurso originário do próprio jornalismo. A crise de identidade e a possibilidade de extinção do cargo, apregoada por diversos autores, não aparece de modo claro ou definitivo nos dados da pesquisa. Por meio das estratégias identitárias verificadas, os dois grupos de correspondentes sinalizam manter uma mesma forma de definição e tomada de consciência de si, do seu papel profissio-

nal, pela valorização do posto de trabalho e a importância que a atividade ocupa em suas vidas. Assim como Pignard-Cheynel e Noblet (2009) reconhecem em relação à identidade dos webjornalistas, perce-

bemos que o mito do repórter também é acionado, enquanto estratégia identitária, pelos jornalistas brasileiros correspondentes internacionais.

NOTAS

^{1.} “[...] *le professionnalisme ne saurait avoir de définition unique et commune à toutes les activités. Au contraire, chaque occupation définit progressivement sa culture de production, qui la distingue des autres activités. Ainsi, les reporters font preuve d’un professionnalisme légèrement différent des chroniqueurs politiques ou des correspondents à l’étranger. Des caractères les unissent, d’autres les éloignent*” (Ruellan, 1993: 97). O trecho em português é versão livre das autoras.

^{2.} “*dans la figure mythique et idéalisée du reporter qui renvoie à une pratique authentique, noble et éminemment positive (si ce n’est positiviste) du journalisme, et à une valorisation des faits, du terrain et du témoignage (notamment photo ou vidéo)*” (Pignard-Cheynel; Noblet, 2009: 1). O trecho em português é versão livre das autoras.

^{3.} Os resultados aqui apresentados são parte da pesquisa desenvolvida em tese de doutorado defendida em uma instituição brasileira. Os nomes do autor, do orientador e da universidade serão preservados pelo processo de *blind review*.

^{4.} Os indicadores aqui trabalhados estão relacionados ao período que os jornalistas participantes atuaram como correspondentes; formação; faixa etária quando se tornaram correspondentes; tempo de carreira quando isso aconteceu; atividades que exerciam antes e depois da correspondência internacional.

^{5.} As entrevistas foram divididas em blocos temáticos, que abordaram os seguintes pontos: idade e tempo de carreira quando assumiram a correspondência internacional; competências exigidas para o exercício da correspondência internacional; papel do correspondente no processo jornalístico; carreira e prestígio; crise e tendências para o futuro.

^{6.} As entrevistas foram realizadas entre agosto de 2013 e janeiro de 2014, de modo presencial ou por Skype. As entrevistas presenciais foram realizadas nas cidades de Londres e Genebra. As entrevistas foram desenvolvidas durante período em que a autora da tese estava cursando estágio de doutoramento em instituição europeia, cujo nome será preservado pelo processo de *blind review*.

^{7.} Nesta seção de discussão de resultados, grifaremos com negrito as palavras “**repórter**”, “**repórter especial**” e “**reportagem**” para efeito de destaque nos depoimentos dos entrevistados que mencionam tais termos e práticas e/ou que exerceram esta função. Este dado é importante no sentido de relacionar o mito do repórter presente nos depoimentos, uma vez que, ao citarem a prática da reportagem ou a função de repórter, os entrevistados referem-se também às práticas de vivência (apuração, trabalho de campo, investigação jornalística etc.) associadas ao mito do repórter.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adghirni, Z. L., jul. 2013, “A pluralidade do mundo na visão singular do correspondente internacional”, *Intexto*, Porto Alegre, UFRGS, nº28, pp. 32-52.
- Aron, P., 2011, “Postures journalistiques des années 1930, ou du bon usage de la ‘bobine’ en littérature”, *COntEXTES*, nº8, URL: <http://contextes.revues.org/4710>, acesso em 28 ago. 2015.
- Boccanera, S., 3 set. 2013, Entrevista concedida à AUTORA PRESERVADA PELO PROCESSO DE BLIND REVIEW, por e-mail.
- Chade, J., 6 nov. 2013, Entrevista concedida à AUTORA PRESERVADA PELO PROCESSO DE BLIND REVIEW, Genebra.
- Dubar, C., 1999, *La socialisation. Construction des identités sociales et professionnelles*, Paris, Armand Colin.
- Franco, B. M., 28 ago. 2013, Entrevista concedida à AUTORA PRESERVADA PELO PROCESSO DE BLIND REVIEW, Londres.
- Hannerz, U., 2004, *Foreign news. Exploring the world of foreign correspondents*, Chicago, The University of Chicago.
- Hughes, E. C., fev. 1960, “The Professions in Society”, *The Canadian Journal of Economics and Political Science*, vol. 26, nº1, pp. 54-61, URL: <http://www.jstor.org/stable/138818>, acesso em 22 out. 2013.
- Jobim, N. F., 13 dez. 2013, Entrevista concedida à AUTORA PRESERVADA PELO PROCESSO DE BLIND REVIEW, por Skype.
- Kastersztejn, J., 1990, “Les stratégies identitaires des acteurs sociaux: approche dynamique des finalités” in Camilleri, C. et al., *Stratégies identitaires*, Paris, Presses Universitaires de France, pp. 27-41.
- Le Cam, F., 2006, *L'identité du groupe des journalistes du Québec au défi d'Internet*, Tese de doutorado, Université Laval, Québec, Université de Rennes 1, France.
- Lavoine, Y., 1992, “Le journaliste, l'histoire et l'historien. Les avatars d'une identité professionnelle (1935-1991)”, *Réseaux*, vol. 10, nº51, pp. 39-53.
- Mesquita, C., 31 dez. 2013, Entrevista concedida à AUTORA PRESERVADA PELO PROCESSO DE BLIND REVIEW, por Skype.
- Mucchielli, A., 2009, *L'identité*, Paris, Presses Universitaires de France, 7ª ed.
- Nakagawa, F., 29 ago. 2013, Entrevista concedida à AUTORA PRESERVADA PELO PROCESSO DE BLIND REVIEW, Londres.
- Neveu, É., 2006, *Sociologia do jornalismo*, São Paulo, Loyola.
- Passarinho, S., 7 jan. 2014, Entrevista concedida à AUTORA PRESERVADA PELO PROCESSO DE BLIND REVIEW, por e-mail.
- Pereira, F., 2012, “Possibilidade de aplicação do conceito de carreiras profissionais nos estudos sobre jornalismo”, in Pereira, F., Moura, D., Adghirni, Z., *Jornalismo e sociedade*, Teorias e metodologias, Florianópolis, Insular, pp. 81-98.
- Peucer, T., 2º semestre de 2004, “Os relatos jornalísticos”, *Estudos em Jornalismo e Mídia*, vol. I, nº2, tradução de Paulo da Rocha Dias.
- Pignard-Cheynel, N., Noblet, A., 2009, “La mobilisation du mythe du journaliste-reporter sur le Web, nouvel Eldorado participatif?”, *Archive ouverte en Sciences de l'information et de la communication*, URL: http://archivesic.ccsd.cnrs.fr/sic_00426936/document, acesso em 28 ago. 2015.
- Rabinovici, M., 15 dez. 2013, Entrevista concedida à AUTORA PRESERVADA PELO PROCESSO DE BLIND REVIEW, por Skype.
- Rocha, S. de M., 2013, *Brazilian Correspondents in Europe: Careers, Routines, Networks, News Coverage and Role Conceptions*, Dissertação de Mestrado, Graduate School of Communication, Universiteit van Amsterdam, Amsterdam.
- Rossi, C., 04 dez. 2013, Entrevista concedida à AUTORA PRESERVADA PELO PROCESSO DE BLIND REVIEW, por Skype.
- Ruellan, D., 1993, *Le professionnalisme du flou. Identité et savoir-faire des journalistes français*, Grenoble, Presses Universitaires de Grenoble.
- Schudson, M., 1995, *The Power of News*, Cambridge, Harvard University Press.
- Schudson, M., 2011, “As notícias como um gênero difuso: a transformação do jornalismo na contemporaneidade”, *Comunicação & Cultura*, nº12, pp. 139-150.
- Silva, C. E. L. da, 2011, *Correspondente internacional*, São Paulo, Contexto.
- Silva, C. E. L. da, 7 mar. 2014, Entrevista concedida à AUTORA PRESERVADA PELO PROCESSO DE BLIND REVIEW, por Skype.
- Utzeri, F., 1989, “Do outro lado do mundo”, in Rito, L., Araújo, M. E., Almeida, C. J. M. de, *Imprensa ao vivo*, Rio de Janeiro, Rocco, pp. 145-162.

Pt. O artigo se propõe a contribuir para os estudos sobre identidade profissional no jornalismo a partir da posição do correspondente internacional, um posto de trabalho na carreira jornalística tido como um dos mais prestigiados, reconhecido como o topo da carreira de repórter. A análise parte de uma revisão de literatura que aponta um período de crise identitária vivido pela correspondência internacional, em diálogo com abordagens teóricas a respeito da identidade enquanto um processo contínuo de evolução o qual resulta, dentre outros aspectos, de referências psicossociais. A valorização profissional é elemento constituinte dos processos de socialização e, portanto, fundamental na definição do lugar de cada pessoa na sociedade. No caso do jornalismo, a expansão da atividade abriu uma série de possibilidades de atuação que não se limitam à figura tradicional do repórter. O próprio desenvolvimento do campo e a incorporação de novas atividades fizeram com que não funcionasse mais uma identificação única, cabendo a cada função ou posto de trabalho definir a própria cultura de produção que o diferencia. No caso dos jornalistas correspondentes internacionais, eles também são, em essência, repórteres, porém em outro país que não o deles ou o do veículo para os quais trabalham. Assim, um dos pontos de partida desta pesquisa foi identificar quais fatores identitários aproximam os correspondentes do grupo jornalístico e quais os diferenciam na atuação específica como correspondentes. A partir da perspectiva de profissionais brasileiros, com base em entrevistas e questionários aplicados, reconhecemos que discursos legitimadores se sobressaem em momentos de perturbações identitárias, em defesa de uma identidade profissional ameaçada. Neste caso, o mito do repórter se evidencia nas argumentações dos correspondentes internacionais entrevistados, no momento em que discorrem sobre a importância do correspondente internacional dentro do processo noticioso contemporâneo.

Palavras-chave: correspondente internacional; identidade profissional; jornalismo internacional; repórter.

Fr. Cet article se propose de contribuer à l'étude de l'identité professionnelle dans le journalisme à partir de la position du correspondant international, une fonction considérée dans la carrière journalistique comme une des plus prestigieuses, un sommet pour les reporters. L'analyse commence par une revue de littérature qui souligne une crise identitaire que vit la correspondance internationale, la mettant en relation avec des apports théoriques comprenant l'identité professionnelle comme un processus en continuelle évolution. Celui-ci inclut, notamment, des dimensions psychosociales. La reconnaissance professionnelle est un élément des processus de socialisation et, de ce fait, fondamental dans la définition de l'identité de chaque personne dans la société. Dans le cas du journalisme, l'expansion de l'activité a ouvert une série de possibilités qui ne se limitent pas à la figure du professionnel. Le propre développement du secteur et l'incorporation de nouvelles activités ont fait que une identification unique et commune n'a plus fonctionné. Chaque fonction ou poste de travail a dû définir sa propre culture de production et ce qui le différencie. Dans le cas des journalistes correspondants internationaux, ils sont par définition reporters puisqu'ils travaillent dans un pays qui n'est pas le leur ou celui du média qui les emploie. Ainsi, un des objectifs de cette recherche fut de repérer des facteurs identitaires qui rapprochent les correspondants du groupe des journalistes, et ceux qui les différencient comme correspondants. Prenant le cas de professionnels brésiliens, sur la base d'entretiens et de questionnaires, nous soulignons des discours de légitimation qui s'exacerbent dans des moments de perturbation identitaire, en défense d'une identité professionnelle menacée. Le mythe du reporter apparaît dans leurs discours alors qu'ils argumentent sur l'importance du correspondant international dans le système médiatique actuel.

Mots-clé : correspondant international ; identité professionnelle ; journalisme international ; reporter

En This paper aims to contribute to the study of professional identity in journalism, in particular that of the foreign correspondent, a position considered to be one of the most prestigious in journalism—the pinnacle of the profession. The analysis begins with a review of literature which examines the identity crisis experienced by foreign correspondents within a context of theoretical parameters which consider professional identity to be a constantly evolving process. This includes in particular the psychosocial dimensions insofar as professional recognition is an element of the socialization process and fundamental in defining personal identity in society. In the case of journalism, the growth of the discipline has created opportunities which are not limited to accredited professionals, and the sector's development and incorporation of new activities effectively mean that an exclusive common identification is no longer applicable. Each function or position has to define its own production culture and what sets it apart. In the case of foreign news correspondents, they are by definition reporters who work in a country that is neither their own, not that of the media they work for. One aim of this research is to assess the identifying features that correspondents share with journalists as a group and those that differentiate them. In this study of Brazilian professionals (based on interviews and questionnaires) we analyze the discourses of legitimization in defence of a threatened professional identity—discourses that escalate when those identities are in crisis. The myth of the reporter is pled as the case is argued for the importance of the foreign correspondent in the current media system.

Keywords: foreign correspondent, professional identity, international journalism, reporter

